

12

Estudos Linguísticos

Ano 2008

Vol. 1

Revista Portuguesa de
Humanidades
Estudos Linguísticos

Revista Portuguesa de Humanidades

Estudos Linguísticos

DIRECTOR	AMADEU TORRES
DIRECTOR-ADJUNTO	MIGUEL GONÇALVES
SECRETÁRIOS	AUGUSTO SOARES DA SILVA; J. CÂNDIDO MARTINS; M* JOSÉ FERREIRA LOPES
CONSELHO DE REDACÇÃO	ALFREDO DINIS; AMADEU TORRES; ANA PAULA PINTO; ANTÓNIO MELO; AUGUSTO SOARES DA SILVA; JOÃO AMADEU SILVA; J. CÂNDIDO MARTINS; JOSÉ GAMA; LUÍS DA SILVA PEREIRA; MANUEL LOSA; M* JOSÉ FERREIRA LOPES; MÁRIO GARCIA E MIGUEL GONÇALVES
COMISSÃO CIENTÍFICA	ANTÓNIO MARTINS DE ARAÚJO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO; CLARINDA AZEVEDO MAIA, UNIVERSIDADE DE COIMBRA; DIETER MESSNER, UNIVERSIDADE DE SALZBURG; DIRK GEERAERTS, UNIVERSIDADE DE LEUVEN; ENRIQUE BERNÁRDEZ, UNIVERSIDADE COMPLUTENSE DE MADRID; EVANILDO BECHARA, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO; HORÁCIO ROLIM DE FREITAS, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO; ISABEL HUB FARIA, UNIVERSIDADE DE LISBOA; JOÃO MALACA CASTELEIRO, UNIVERSIDADE DE LISBOA; JORGE MORAIS BARBOSA, UNIVERSIDADE DE COIMBRA; JOSÉ LUIS CIFUENTES HONRUBIA, UNIVERSIDADE DE ALICANTE; LEODEGÁRIO A. AZEVEDO FILHO, ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA; MÁRIO VILELA, UNIVERSIDADE DO PORTO; MILTON M. AZEVEDO, UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA, BERKELEY; NICOLE DELBECQUE, UNIVERSIDADE DE LEUVEN; OSWALD DUCROT, EHESS - PARIS; PER AAGE BRANDT, UNIVERSIDADE DE AARHUS; RAMÓN ALMELA PÉREZ, UNIVERSIDADE DE MURCIA; RONALD W. LANGACKER, UNIVERSIDADE DE CALIFÓRNIA, SAN DIEGO; TORU MARUYAMA, UNIVERSIDADE DE NENZAN, NAGGVA
PROPRIEDADE	ALETHEIA – Associação Científica e Cultural FACULDADE DE FILOSOFIA DE BRAGA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA LARGO DA FACULDADE, 1 4710-297 BRAGA TEL. 253 201 200 • FAX 253 201 210 E-MAIL: paulorpf@braga.ucp.pt HTTP://www.facfil.braga.ucp.pt
ASSINATURA	ASSINATURA POR FASCÍCULO: PORTUGAL: € 12,5 EUROPA: € 15 OUTROS PAÍSES: € 17,5 ASSINATURA POR VOLUME (FASC. 1 + FASC. 2): PORTUGAL: € 22 EUROPA: € 26 OUTROS PAÍSES: € 30
DISTRIBUIÇÃO	SODLIVROS
ISSN	0874-0321
DEPÓSITO LEGAL	119141/97
TIRAGEM	500 EXEMPLARES
CAPA	ROMÃO FIGUEIREDO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO	TPOGRAFIA ABREU, SOUSA & BRAGA, LDA. RUA AREAL DE CIMA – MONTARIOL 4711-908 S. VICTOR – BRAGA TELS. 253 248 990 – 253 274 161
PATROCÍNIOS	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA APOIO DO PROGRAMA OPERACIONAL CIÊNCIA TECNOLOGIA, INOVAÇÃO DO QUADRO COMUNITÁRIO DE APOIO III FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

O CONTEÚDO DOS ARTIGOS É DA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

TAVARES, Sandra Duarte & LEITE, Sara de Almeida (2008), *S.O.S. Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Verbo [101 pp.].

Este “Guia temático para resolução de dúvidas em português”, como se pode ler no subtítulo, acaba de vir a lume (Fevereiro de 2008) com a chancela da Verbo.

As suas autoras são duas especialistas: a Sandra Tavares é Mestre em Linguística Portuguesa e a Sara Leite, Mestre em Literatura Portuguesa. Estamos, por

consequente, na presença de um “livrinho” (101 páginas) de confiança: os seus leitores/consulentes não saem daí com as expectativas goradas – muito embora, num caso ou noutro (parece-me), pudessem/devessem ter ido um pouco mais além. De qualquer modo, a(s) dúvida(s), depois de consultado reflexivamente o item em questão (ocorrência, às vezes acompanhada de uma breve explicação – o caso dos capítulos 3, 4 e 5 –, outras vezes apenas encimada por uma descrição geral – a situação dos dois primeiros capítulos), dissipar-se-á(ão) imediatamente e o conhecimento, porque percebido, ficará armazenado no cérebro.

Não se trata de um *dicionário*. Não se trata de um *prontuário*. Não se trata de uma *gramática*. Todavia, reúne informação que lhes é transversal, ou seja, própria de todos. Por isso, por um lado, fica aquém de qualquer um deles (dá-se uma informação mais aligeirada e sucinta) e, por outro, além (resolve-se o assunto em duas penas, isto é, prático e objectivo: é aquilo e nada mais). Trata-se, no fim de contas, do antídoto adequado à situação de emergência experienciada pelo falante/ouvinte no uso concreto do seu instrumento de comunicação.

Neste volume, faz-se um levantamento, não exaustivo mas marcadamente elucidativo, das principais áreas críticas do funcionamento (oral e/ou escrito) da língua portuguesa da actualidade. Assim, para além de uma lista de abreviaturas (p. 6), de uma Introdução breve (pp. 7-8), de um par de referências bibliográficas, constituídas por dicionários, dicionários virtuais e sites de consulta linguística, gramáticas e prontuários e de obras de referência teórica e didáctica (pp. 89-90) e de um Índice Remissivo (pp. 91-101), organizado alfabeticamente (são 727 entradas relacionadas com aspectos fonéticos, ortográficos, lexicais, morfológicos e sintácticos e 39 termos/conceitos linguísticos), de grande utilidade (agiliza e facilita enormemente a consulta), o livro consta sobretudo dos seguintes cinco capítulos/temas: (i) *Como se diz?* Aspectos críticos de PRONÚNCIA (pp. 9-12); (ii) *Como se escreve?* Aspectos críticos de ORTOGRAFIA (pp. 13-24); (iii) *Qual a diferença?* Aspectos críticos de LÉXICO (pp. 25-53); (iv) *Como se conjuga?* Aspectos críticos de MORFOLOGIA (pp. 55-68); e (v) *Qual a construção correcta?* Aspectos críticos de SINTAXE (pp. 69-87).

No que aos “aspectos críticos de pronúncia” diz respeito, listam-se (forma gráfica), de A a V, 54 palavras indicando, à sua direita, as respectivas realizações fonéticas (pronúncia), apenas da(s) dita(s) «parte(s) crítica(s) de cada palavra» (p. 9), sem se fazer uso de qualquer alfabeto fonético. Apesar de terem chamado a atenção para isso (p. 9), continuo a achar que deveriam ter-se servido do Alfabeto Fonético da International Phonetic Association. Desta feita, as dúvidas e/ou imprecisões que ainda se verificam (cf. § seguinte) dissipar-se-iam fácil e inequivocamente.

Para além da forma gráfica, de que se parte por todos a reconhecerem, teria sido de enorme valia, e também pedagogicamente mais acertado, apresentar, logo a seguir àquela, a pronúncia – digamos – “menos prestigiada”, para que a pronúncia proposta pelas autoras resultasse mais nítida, esclarecedora, inequívoca. Eis alguns argumentos que justificam esta posição: (i) ao lado de *álibi*, *biopsia* e *glicemia* estão também documentadas *alibi*, *biópsia* e *glicémia*, ou seja, diferentes grafias e diferentes realizações fonéticas (cf., por exemplo, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa): trata-se de formas ortográficas e fonéticas alternativas, isto é, têm exactamente o mesmo estatuto, cabendo apenas ao falante/escrevente decidir-se por uma ou por outra; (ii) *sequestro* e *pueril*: se[ké]stro e pu[i]ril – e porque não se[kwé]stro e p[we]ril? (cf., igualmente, *Dicionário...*, da Academia); (iii) não se percebe o que se quer dizer com *gratuito*, *hemorragia*, *inexorável*, *medial/média*, *minúcia* e *istorial*; (iv) na nota 4 (p. 10), onde se lê «[...] para pronunciarem como sendo grave [...]», deveria ler-se «[...] para pronunciarem como sendo esdrúxula ou pseudo-esdrúxula [...]»

Quanto aos “aspectos críticos de ortografia”, temos, à semelhança da secção anterior, uma lista de palavras – esta, em todo o caso, muitíssimo maior: 225 –, igualmente distribuídas por duas colunas (a da esquerda representando a forma incorrecta e a da direita, a correcta), e, em meia dúzia de casos, uma breve explicação em notas de rodapé. Isto, num primeiro momento (pp. 13-21). Depois, (pp. 22-24), novamente uma lista (65 unidades lexicais), para ilustrar/mostrar ortografias alternativas, no sentido de variantes absolutamente livres.

De um modo geral, não há reparos de maior a fazer, a não ser os que se relacionam com os já tecidos a propósito de unidades lexicais como *alcoolemia/alcoolemia* e similares ou afins.

Porque há unidades lexicais que se realizam foneticamente do mesmo modo e outras que se escrevem e pronunciam de modo similar, com certeza que não se estranhará que a homofonia e a paronímia sejam dos fenómenos linguísticos os principais responsáveis pelas confusões e dúvidas que se verificam nesta componente da gramática do Português. Por consequência, justifica-se por inteiro que se dedique um número consideravelmente superior de páginas aos “aspectos críticos de léxico” – a matéria do terceiro capítulo do livro em recensão.

As autoras partem, quase sempre, de pares de unidades lexicais (106 ao todo, do tipo *acento / assento*, *aparte / à parte*, *cumprimento / comprimento*, *discriminar / discriminar*) e, mais raramente, de grupos de três (apenas 4, do tipo *à / ah / há*), classificam-nas linguisticamente, ou seja, adscvem-lhes as etiquetas em termos categoriais (se é nome, verbo, locução adverbial, etc.) apresentando, por fim, um exemplo a documentar a ocorrência do significado

em causa. Portanto, pedagógico-didacticamente falando, trata-se da metodologia adequada.

Em “aspectos críticos de morfologia”, as autoras tratam sobretudo de questões relacionadas com a flexão verbal, mais propriamente (i) do uso dos participios duplos, (ii) da conjugação de verbos derivados (elas escrevem “compostos”, o que não está certo), (iii) da confusão entre desinências verbais e pronomes pessoais, (iv) das dificuldades na conjugação de alguns verbos e (v) de particularidades da conjugação pronominal.

A metodologia usada é a seguinte: listagens de (a) verbos com duas formas de participio passado (do tipo *morrer: morrido e morto, gastar: gastado e gasto*), (b) verbos derivados de outros verbos (do tipo *abster-se e ter, convir e vir*), (c) formas verbais susceptíveis de se confundirem com outras formas verbais combinadas com pronomes (do tipo *darmos e dar-mos, convenceste e convenceste-te*) e (d) verbos e respectivas formas verbais mais frequentemente usadas de modo errado (do tipo *dar: dêiamos e dêmos, haver: há-des e há-de*) [sic]; duas frases, uma com a forma correcta e outra com a forma incorrecta rasurada; e dicas/testes ou sugestões muito práticas para facilitar a aprendizagem e prevenir potenciais futuros erros (cf. pp. 64 e 65). Como se pode ver, é um método que não só se coaduna com a matéria tratada como ainda é um forte potenciador de resultados de aprendizagem.

E, por fim, no que concerne aos “aspectos críticos de sintaxe”, as autoras, seguindo uma metodologia muito semelhante à do capítulo precedente (a diferença está em que aqui há uma explicação um pouco mais alargada, o que se justifica plenamente e enriquece o tratamento), esclarecem, num primeiro momento, dificuldades de concordância (i) com verbos (do tipo *Havia várias conferências... e Haviam várias conferências...*, *Trata-se de casos raros e Tratam-se de casos raros*), (ii) com expressões colectivas (do tipo *A gente fomos ao teatro e A gente foi ao teatro*), (iii) com pronomes relativos (do tipo *O jogador que o golo foi anulado recebeu... e O jogador cujo golo foi anulado recebeu...*, *Isso foi um dos aspectos que mais me impressionou e Isso foi um dos aspectos que mais me impressionaram*) e (iv) com advérbios (do tipo *A vossa equipa foi a mais bem classificada neste campeonato e A vossa equipa foi a melhor classificada neste campeonato*)¹ e, num segundo

¹ Sobre este assunto, cf. Barroso, H., «Destino das ‘formas analíticas’ do “comparativo de superioridade” de dois advérbios derivados de adjetivos: *bem* e *mal*», *Humanitas* (Miscelânea em Honra do Doutor José Galdes Freire) 50 (1998), Tomo II, pp. 827-833; [também em *Ciberkiosk* 3 (Setembro de 1998) (Site: <http://www.ciberkiosk.pt>) e, ainda, em *Santa Barbara Potuguese Studies* V (2001), pp. 321-326.]

momento, dúvidas de regência (i) verbal (do tipo *convencer-se de* e não *convencer-se que*, *discordar de* e não *discordar com*) e (ii) nominal (do tipo *ter a certeza de* e não *ter a certeza que*, *ter a sensação de* e não *ter a sensação que*), e aspectos relacionados com a colocação dos pronomes pessoais átonos (do tipo *Dar-te-ia* mais informações, se... e não *Daria-te* mais informações, se..., *Alguém nos deu* essa informação e não *Alguém deu-nos* essa informação) e não contracção de preposições com determinantes e pronomes (do tipo ...antes de *ele chegar* e não ...antes ~~de~~ *chegar*) [sic].

Trata-se de um capítulo de grande préstimo para um conjunto consideravelmente grande de falantes/escreventes que se vêem e desejam com tais estruturas e afins.

Ainda duas notas finais a este capítulo: (i) na p. 79, pode ler-se o seguinte: «... não devemos flexionar os advérbios *bem* e *mal* no grau ...». Ora, como se sabe, em Português é impróprio falar de flexão de grau, porque pura e simplesmente não é essa a sua manifestação na nossa língua; (ii) na p. 80, onde está *parecer-se de*, deveria estar *parecer-se com*.

Concluindo: estamos na presença de um bom guia para ensinar a escrever ortográfica, lexical, morfológica e sintacticamente bem ou, dito de outro modo, para evitar/corrigir os erros ortográficos, lexicais, morfológicos e sintácticos que, infelizmente, proliferam ... e por sítios vários. Por essa razão, recomendo-o a todos os falantes/escreventes em geral e, de modo particular, aos estudantes de pré-graduação/maiores de 23 anos e, ainda, a muitos estudantes que frequentam os primeiros semestres do ensino superior.

Henrique Barroso

DIRK GEERAERTS & HUBERT CUYCKENS (eds.), *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2007, 1334 pp.

Principalmente na última década, a Linguística Cognitiva tem-se afirmado como um dos modelos mais dinâmicos e atractivos da linguística teórica e descritiva. Surgindo no início dos anos 80 nos EUA e nalguns países da Europa, constituiu-se institucionalmente como paradigma científico no início dos anos 90. Os seus fundadores são os linguistas norte-americanos Ronald Langacker, George Lakoff e Leonard Talmy. Mas ao contrário dos outros maiores movimentos linguísticos do século passado, este toma a forma mais de um arquipélago do que de uma ilha: não há um único fundador nem um único território claramente delimitado, mas um conglomerado de centros de investigação mais ou menos extensos espalhados pelos EUA, pela Europa e, mais recentemente, pela Ásia,